



# Ministro aprofunda estudo sobre excesso em prisão cautelar

23/03/2005

Nada justifica a permanência de uma pessoa na prisão por quatro anos e meio sem que seja julgada pelo crime do qual é acusada, mesmo que se trate de crime hediondo. O entendimento é do ministro Celso de Mello, do Supremo Tribunal Federal, que determinou a libertação do réu.

O voto do ministro foi proferido em julgamento, na semana passada, no Pleno do STF. O ministro Celso de Mello aprofundou a discussão sobre excesso de prazo em prisão cautelar, citou diversos precedentes e afirmou que o excesso de prazo “quando exclusivamente imputável ao aparelho judiciário traduz situação anômala que compromete a efetividade do processo”.

Para o ministro, o fato, além de tornar evidente o desprezo estatal pela liberdade do cidadão, frustra um direito básico que assiste a qualquer pessoa: “o direito à resolução do litígio, sem dilações indevidas (CF, art. 5º, LXXVIII) e com todas as garantias reconhecidas pelo ordenamento constitucional, inclusive a de não sofrer o arbítrio da coerção estatal representado pela privação cautelar da liberdade por tempo irrazoável ou superior àquele estabelecido em lei”.

Celso de Mello sustentou que a prisão de qualquer cidadão não pode nem deve perdurar, sem justa razão, por período excessivo. Quando isso acontece, afirmou, afronta o Estado Democrático de Direito.

No caso concreto, detido em 2000, o réu é acusado por homicídio duplamente qualificado e formação de quadrilha armada. O voto do ministro foi acompanhado por todos os membros do Plenário do Supremo Tribunal Federal.

**Leia a íntegra do acórdão e o voto do ministro Celso de Mello**

**17/03/2005 TRIBUNAL PLENO**

HABEAS CORPUS 85.237-8 DISTRITO FEDERAL

RELATOR: MIN. CELSO DE MELLO

PACIENTE(S): RICARDO PEIXOTO DE CASTRO

IMPETRANTE(S): ATAÍDE JORGE DE OLIVEIRA

COATOR(A/S)(ES): PRESIDENTE DO SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA

E M E N T A: PROCESSO PENAL - **PRISÃO CAUTELAR - EXCESSO DE PRAZO - INADMISSIBILIDADE - OFENSA** AO POSTULADO CONSTITUCIONAL DA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA (CF, ART. 1º, III) - TRANSGRESSÃO À GARANTIA DO DEVIDO PROCESSO LEGAL (CF, ART. 5º, LIV) - “HABEAS CORPUS” CONHECIDO EM PARTE E, NESSA PARTE,

DEFERIDO.

**O EXCESSO DE PRAZO, MESMO TRATANDO-SE DE DELITO HEDIONDO (OU A ESTE EQUIPARADO), NÃO PODE SER TOLERADO, IMPONDO-SE, AO PODER JUDICIÁRIO, EM OBSÉQUIO AOS PRINCÍPIOS CONSAGRADOS NA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA, O IMEDIATO RELAXAMENTO DA PRISÃO CAUTELAR DO INDICIADO OU DO RÉU.**

- **Nada pode justificar** a permanência de uma pessoa na prisão, **sem** culpa formada, **quando configurado excesso irrazoável** no tempo de sua segregação cautelar (RTJ 137/287 - RTJ 157/633 - RTJ 180/262-264 - RTJ 187/933-934), **considerada a excepcionalidade** de que se reveste, **em nosso sistema jurídico**, a prisão **meramente** processual do indiciado **ou** do réu, **mesmo que se trate** de crime hediondo **ou** de delito a este equiparado.

- **O excesso de prazo**, quando **exclusivamente** imputável ao aparelho judiciário - **não derivando**, portanto, de qualquer fato procrastinatório causalmente atribuível ao réu - **traduz situação anômala** que compromete a **efetividade** do processo, pois, **além** de tornar evidente o **desprezo estatal** pela liberdade do cidadão, **frustra** um direito básico **que assiste** a qualquer pessoa: **o direito** à resolução do litígio, **sem** dilações indevidas (CF, art. 5º, LXXVIII) e **com todas as garantias** reconhecidas pelo ordenamento constitucional, **inclusive a de não sofrer** o arbítrio da coerção estatal **representado** pela privação cautelar da liberdade por tempo irrazoável **ou** superior àquele estabelecido em lei.

- **A duração prolongada, abusiva e irrazoável** da prisão cautelar de alguém **ofende**, de modo frontal, **o postulado** da dignidade da pessoa humana, **que representa** - considerada a **centralidade** desse princípio essencial (CF, art. 1º, III) - **significativo** vetor interpretativo, **verdadeiro valor-fonte** que conforma e inspira **todo** o ordenamento constitucional **vigente** em nosso País **e que traduz**, de modo expressivo, **um dos fundamentos** em que se assenta, **entre nós**, a ordem republicana e democrática **consagrada** pelo sistema de direito constitucional positivo. **Constituição Federal** (Art. 5º, incisos LIV e LXXVIII). **EC 45/2004. Convenção Americana sobre Direitos Humanos** (Art. 7º, ns. 5 e 6). **Doutrina. Jurisprudência.**

- O indiciado **ou** o réu, **quando configurado excesso irrazoável** na duração de sua prisão cautelar, **não podem** permanecer expostos a tal situação **de evidente** abusividade, **ainda** que se cuide de pessoas acusadas da suposta prática de crime hediondo (**Súmula 697/STF**), **sob pena** de o instrumento processual da tutela cautelar penal transmutar-se, **mediante** subversão dos fins que o legitimam, **em inaceitável** (e inconstitucional) **meio de antecipação executória** da própria sanção penal. **Precedentes.**

## A C Ó R D Ã O

**Vistos, relatados e discutidos** estes autos, **acordam** os Ministros do Supremo Tribunal Federal, **em Sessão Plenária**, na conformidade da ata de julgamentos e das notas taquigráficas, **por unanimidade** de votos, **em conhecer**, em parte, do “*habeas corpus*” e, na parte conhecida, **deferir-lo, nos termos** do voto do relator. **Votou** o Presidente, Ministro

Nelson Jobim. Ausentes, justificadamente, os Senhores Ministros Carlos Velloso e Carlos Britto. Falou pelo paciente o Dr. Ataíde Jorge de Oliveira.

Brasília, 17 de março de 2005.

NELSON JOBIM - PRESIDENTE

CELSO DE MELLO - RELATOR

**Leia o voto de Celso de Mello**

**17/03/2005 TRIBUNAL PLENO**

HABEAS CORPUS 85.237-8 DISTRITO FEDERAL

RELATOR: MIN. CELSO DE MELLO

PACIENTE(S): RICARDO PEIXOTO DE CASTRO

IMPETRANTE(S): ATAÍDE JORGE DE OLIVEIRA

COATOR(A/S)(ES): PRESIDENTE DO SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA

## R E L A T Ó R I O

**O SENHOR MINISTRO CELSO DE MELLO - (Relator)** : Trata-se de “*habeas corpus*” originariamente impetrado, perante o Supremo Tribunal Federal, **contra** decisão **denegatória** de igual “*writ*”, que, **emanada** do E. Superior Tribunal de Justiça, **acha-se consubstanciada** em acórdão assim ementado (fls. 11):

*“PROCESSO PENAL - HOMICÍDIO QUALIFICADO - FORMAÇÃO DE QUADRILHA - EXCESSO DE PRAZO - RÉU PRONUNCIADO.*

- **Pronunciado o réu, fica superada** a alegação de constrangimento ilegal da prisão por **excesso de prazo na instrução** (Súmula 21, desta Corte).

- **Ordem denegada.”**

(HC 21.345/DFRel. Min. JORGE SCARTEZZINI)

**Sustenta-sena** presente impetração, que a manutenção da prisão cautelar do ora paciente - **que já ultrapassa** o período de 4 (quatro) anos e 5 (cinco) meses de duração - **configuraria** situação de ilegal constrangimento, **seja** em face do **alegado** excesso de prazo que se revelaria configurado, **seja** em virtude da **suposta** ausência, no caso, dos requisitos legais autorizadores da adoção dessa excepcional medida de privação da liberdade de locomoção física do réu (fls. 02/10).

**Consta** da impetração que o ora paciente, que **ainda** se acha preso, está submetido à custódia cautelar do Estado **desde 09/09/2000** data em que sofreu a imposição **de prisão temporária** quando se realizavam as investigações policiais (fls. 02).

O ora paciente juntamente com outras 17 (dezessete) pessoas, veio a ser denunciado pelo Ministério Público, perante a Vara do Júri da Circunscrição Judiciária de Planaltina/DF, pela suposta prática dos crimes de homicídio duplamente qualificado (CPart. 121, § 2º, incisos IV e V) e de quadrilha armada (CPart. 288, parágrafo único), em concurso material (CPart. 69) (Processos nº 2000.05.1.002835-0 e 2001.05.1.000093-7).

Em 06/11/2000, data em que recebida a denúncia penal em questão, a prisão temporária do ora paciente convolou-se mediante decisão judicial, em prisão preventiva (fls. 16).

Posteriormente em 06/08/2001, sobreveio a sentença de pronúncia do ora paciente, pelos mesmos delitos capitulados na denúncia, sendo certo que o magistrado pronunciante, por entender subsistentes as razões justificadoras da prisão preventiva, manteve a privação cautelar da liberdade individual de Ricardo Peixoto de Castro (fls. 77).

Os autos registram que o ora paciente vem sofrendo a privação cautelar de sua liberdade de locomoção física, sem qualquer solução de continuidade, desde 09/09/2000, muito embora não tenha sido levado até a presente data, a julgamento perante o Tribunal do Júri, o que significa que essa prisão processual perdura por quase 4 (quatro) anos e 6 (seis) meses.

Daí as razões que dão suporte à presente impetração, na qual o ilustre autor deste “writ” constitucional, além de censurar a duração excessiva da prisão cautelar do ora paciente (decretação inicial de sua prisão temporária, posteriormente convolada em prisão preventiva e agora transformada em prisão processual decorrente da sentença de pronúncia), sustenta a ilegalidade das decisões judiciais que ordenaram tal extraordinária medida, considerado o fato de que se achariam desprovidas de fundamentação idônea ( fls. 04/09):

“(…)

RICARDO PEIXOTO DE CASTRO está preso há quase 5 anos por causa de FATO praticado por outra pessoa. Tal conclusão é inevitável, eis que, a par do abuso em atribuir fato de um co-réu a outro, o atual título da prisão cautelar está na ‘Sentença de Pronúncia’ (DOC. 02), e a fundamentação deste título se resume em palavras vazias da Lei: ‘A CUSTÓDIA OBJETIVA ASSEGURAR A APLICAÇÃO DA LEI PENAL E GARANTIA DA ORDEM PÚBLICA’

.....

A custódia preventiva ainda que temporária, por se tratar de restrição máxima da liberdade individual, valor maior que de ‘per si’ define a dignidade da pessoa humana, só pode ser decretada se presentes os requisitos da Lei (CPP, 311 e 312), ‘in genere’ o ‘fumus boni iuris’ e o ‘periculum in mora’. (...).

.....

A demora em julgar, devida exclusivamente aos promotores de justiça e aos juízes de direito, é ato de indignidade contra a justiça (...). Afinal, são três tentativas vãs, e nenhuma esperança de pôr fim ao processo. (...).

Ora, veja-se, então, se os 5 anos já gastos nos preparativos para julgar o paciente forem insuficientes e a justiça da Capital da República exigir mais 10 anos, o paciente continuará preso?

.....

As hesitações de todos os juízes que atuaram até aqui evidenciam total e absoluto desacerto. Marca-se o júri, por mais de uma vez, para em seguida desmarcar, sem explicação condizente para decisão de tamanha gravidade.

(...)." (grifei)

**Neguei** o pedido de medida liminar, **por reputar incorrentes** em juízo de **estrita** delibação, os pressupostos necessários ao acolhimento da postulação cautelar ( **fls. 109/111**).

O Ministério Público Federal, **em parecer** da lavra do ilustre Subprocurador-Geral da República, Dr. EDSON OLIVEIRA DE ALMEIDA (fls. 113/116), **ao opinar pela denegação** da ordem de “*habeas corpus*”, **assim concluiu** o seu pronunciamento ( **fls. 115/116**):

*“A impetração **insisteno** pedido de revogação da prisão.*

**Não lhe assiste razão.** Tal como bem explicitado no acórdão impugnado, **o excesso de prazo ficou superado com a superveniência da sentença de pronúncia** que, também, **manteve** a prisão preventiva, **fundamentadamente** decretada, **com satisfatório exame** das circunstâncias concretas do caso, **verbis**,:

‘**Os réus** Oséas Inácio de Aquino, **Ricardo Peixoto de Castro**, Ricardo Cardoso e José Adeguimar Rodrigues, **ao que consta** de suas folhas penais, **não possuem** bons antecedentes, (...) **À hipótese**, a liberdade provisória é vedada, nos termos do § 2º do art. 408 do CPP, **além do que** os três primeiros réus são acusados de homicídio duplamente qualificado, **considerado** hediondo, **insuscetível** a concessão do benefício. **Soma-se**, ainda, **a gravidade do delito** e sua repercussão negativa, **mormente** em relação ao fato de terem ocorrido sérias ameaças às testemunhas, **e é certo** que a custódia **objetiva assegurar** a aplicação da lei penal e garantia da ordem pública.’

**Isso posto**, opino pela **denegação** da ordem.” (grifei)

**É o relatório.**

V O T O

**O SENHOR MINISTRO CELSO DE MELLO - (Relator)** : A **presente** impetração, como precedentemente referido, **apóia-se** nos seguintes fundamentos: **(a) suposta ilegalidade** da decisão que decretou a prisão cautelar do ora paciente, **eis que desprovida** – segundo sustentado **neste “writ”** – de fundamentação jurídica idônea; e **(b) alegada ocorrência de excesso de prazo** na manutenção da custódia cautelar do paciente, que já se prolonga **por**

**quase** quatro (4) anos e meio, **sem** que, **nesse ínterim**, tenha ocorrido **qualquer** julgamento do réu pelo Tribunal do Júri.

Cabe analisar, **preliminarmente**, a cognoscibilidade, ou não, da **presente** impetração, **no ponto em que se pretende** o reconhecimento **da ilegalidade , da decretação** da prisão cautelar, sob a alegação de que a sentença de pronúncia – que lhe dá suporte – apresentar-se-ia **destituída** de fundamentação jurídica idônea.

**Impende acentuar**, desde logo, que o **exame** desse específico ponto da impetração **não se revela possível**, considerado o estrito âmbito temático delineado no acórdão em questão, emanado do Tribunal ora apontado como coator, **eis que não cabe**, a esta Suprema Corte – em face de sua própria **jurisprudência** (RTJ 136/230 – RTJ 141/570 – RTJ 148/732 – RTJ 164/213 – RTJ182/243-244 – HC 73.390/RS, Rel. Min. CARLOS VELLOSO – HC 81.115/SP, Rel. Min. ILMAR GALVÃO) -, **apreciar**, em sede originária, **fundamentos diversos** daqueles que deram suporte à decisão denegatória de “*habeas corpus*” impugnada perante o Supremo Tribunal Federal.

**Isso significa**, portanto, **que se impõe o não-conhecimento**, em parte, **deste** pedido de “*habeas corpus*”, **no ponto** em que a impetração se apóia em fundamento **não apreciado** na decisão ora impugnada, **vale dizer**, na parte em que o impetrante **sustenta** a ilegalidade do ato de privação cautelar da liberdade do paciente, **sob a alegação (não examinada** pelo Superior Tribunal de Justiça) de que a decisão **não se mostraria** adequadamente motivada.

É que, **se assim não** fosse, registrar-se-ia **indevida** supressão de instância, **consoante tem advertido** a jurisprudência do Supremo Tribunal Federal (RTJ 182/243-244, Rel. Min. SEPÚLVEDA PERTENCE – HC 73.390/RS, Rel. Min. CARLOS VELLOSO – HC 81.115/SP, Rel. Min. ILMAR GALVÃO, v.g.):

**“IMPETRAÇÃO DE ‘HABEAS CORPUS’ COM APOIO EM FUNDAMENTO NÃO EXAMINADO PELO TRIBUNAL APONTADO COMO COATOR: HIPÓTESE DE INCOGNOSCIBILIDADE DO ‘WRIT’ CONSTITUCIONAL.**

– Revela-se **insuscetível** de conhecimento, pelo Supremo Tribunal Federal, o remédio constitucional do ‘habeas corpus’, **quando** impetrado **com suporte** em fundamento **que não foi apreciado** pelo Tribunal apontado como coator.

**Se** se revelasse lícito ao impetrante agir ‘per saltum’, registrar-se-ia **indevida** supressão de instância, **com evidente subversão** de princípios básicos de ordem processual.

**Precedentes.”**

(HC 83.842/SP, Rel. Min. CELSO DE MELLO)

*“Em **habeas corpus** substitutivo de recurso ordinário, a inconformidade deve ser com o acórdão proferido pelo STJ e não contra o julgado do Tribunal de Justiça.*



O STF só é competente para julgar **habeas corpus** contra decisões provenientes de Tribunais Superiores.

**Os temas objeto do habeas corpus devem ter sido examinados pelo STJ. ,**

.....

Caso contrário, **caracterizaria supressão de instância.**

Habeas Corpus não conhecido. ,”

**(HC 79.551/SP, Rel. Min. NELSON JOBIM – grifei,)**

Por isso mesmo, **e considerando** – como já assinalado – que esse **específico** fundamento da impetração **não constituiu** objeto de **expressa** análise **por parte** do E. Superior Tribunal de Justiça, **resta inviabilizado**, quanto a tal aspecto, o **conhecimento** do presente “writ” constitucional.

Desse modo, **não conheço** desta impetração **no ponto em que se sustenta a ilegalidade da decretação** da prisão processual decretada contra o ora paciente.

**Conheço**, no entanto, da **presente** ação de “*habeas corpus*”, **no ponto** em que o ilustre impetrante **sustenta a ocorrência de excesso de prazo** na manutenção **da prisão cautelar** do ora paciente.

**Cumprе аcentuar**, por oportuno, **que o paciente – pronunciado** por **suposta** prática dos crimes de homicídio duplamente qualificado (CP, art. 121, § 2º, incisos IV e V) **e** de quadrilha armada (CP, art. 288, parágrafo único), **em concurso material** (CP, art. 69) – veio a ser preso, **em 09/09/2000**, por efeito de decisão judicial que lhe decretou a prisão temporária, **assim permanecendo até o presente momento**, eis que a privação cautelar de sua liberdade **foi renovada**, em 06/11/2000, **com a convolação** daquela prisão temporária **em prisão preventiva**, a qual, por sua vez, **transmudou-se** em prisão processual **decorrente** da sentença de pronúncia, **proferida em 06/08/2004.**

**Impende enfatizar**, de outro lado, que, **até a presente data**, o julgamento, perante o Tribunal do Júri, **não obstante decorrido tão longo** período de tempo, **ainda não se realizou** em virtude de obstáculo processual **causado pelo próprio Estado** eis que o **desaforamento** do julgamento da causa penal **foi provocado, não pelo paciente** mas, sim, **por exclusiva iniciativa** do Ministério Público (fls. 152/155).

**É que** o ilustre representante do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, **em atuação** perante a Vara do Tribunal do Júri da Circunscrição Judiciária de Planaltina/DF, **valendo-se** da possibilidade ensejada **pelo art. 424** do CPP, **formulou pedido de desaforamento** do feito, dirigido ao E. Tribunal de Justiça local, **propondo** – e conseguindo – **o desaforamento** do julgamento da causa penal em referência (Processo nº 2004.01.1.110381-6, Tribunal do Júri da Circunscrição Especial Judiciária de Brasília).

**Embora** o pedido de desaforamento – **deduzido** pelo Ministério Público **em 04/12/2003** (DES nº 2003.00.2.010692-0, Rel. Des<sup>a</sup>. APARECIDA FERNANDES) – houvesse sido julgado, pelo E. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios, **em 14/04/2004, cabe ressaltar** que os autos do procedimento penal em questão, instaurado contra o ora paciente, **somente foram encaminhados** ao Juízo de **primeira** instância (Circunscrição Especial Judiciária de Brasília) **em 25/11/2004**.

**Vê-se** desse modo, **considerado o retardamento causado pelo próprio Estado** que o ora paciente – precisamente em decorrência desse fato – **ainda** não foi julgado, até o **presente** momento, pelo Tribunal do Júri.

**O que me parece grave** no caso ora em análise, **considerados** todos os aspectos que venho de referir, **é que o exame** destes autos **evidencia** que o paciente – que possui domicílio certo no distrito da culpa – **permanece presocautelarmente, até agora, não obstante** decorridos **quase (4) anos e seis (6) meses, sem que sequer** tenha sido julgado por seu juiz natural.

**Se** se computar tal prazo **apenas a partir** da sentença de pronúncia, **ainda assim** ter-se-á que o período de duração da prisão cautelar do ora paciente **continua sendo excessivo** pois, **mesmo em tal hipótese** a sua prisão cautelar **perdura** por (longos) **três (3) anos e seis (6) meses** sem qualquer julgamento.

**Não desconheço** que o Supremo Tribunal Federal, em **reiteradas** decisões, **já assentou** que a superveniência da sentença de pronúncia, **por importar em superação** de eventual excesso de prazo, **afasta a configuração** quando ocorrente, da situação de injusto constrangimento ( **HC 80.325/RJ** Rel. Min. MOREIRA ALVES – **RHC 80.741/PA** Rel. Min. MAURÍCIO CORRÊA – **HC 84.372/ES** Rel. Min. CARLOS VELLOSO, v.g.).

**Impende registrar** por relevante, que esta Suprema Corte – **embora assinalando** que a prisão cautelar **fundada** em sentença de pronúncia **não tem prazo** legalmente predeterminado – **adverte**no entanto, **que a duração** dessa prisão **meramente** processual **está sujeita** a um necessário **critério de razoabilidade** no que concerne **ao tempo** de sua subsistência, **como o evidenciam** decisões proferidas **por este** Tribunal:

*“O **encerramento** da instrução criminal **supera** o excesso de prazo para a prisão processual que antes dele se tenha verificado, **mas não elide** o que acaso se caracterize **pelo posterior e injustificado** retardamento do término do processo.”*

(**RHC 71.954/PA** Rel. Min. SEPÚLVEDA PERTENCE – **grifei**)

**“Prisão por pronúncia: duração** que, embora não delimitada em lei, **sujeita-se** ao limite da razoabilidade (...).”

(**HC 83.977/RJ** Rel. p/ o acórdão Min. SEPÚLVEDA PERTENCE – **grifei**)

**É por essa razão** que o Supremo Tribunal Federal, **ao apreciar o HC 80.379/SP** Rel. Min. CELSO DE MELLO, **em que** o paciente se encontrava **cauteladamente** preso há 2 (dois) anos e

3 (três) meses (**bem menos**portanto, que o ora paciente, que se acha recolhido ao sistema prisional **há quase** quatro anos e meio), **proferiu** decisão consubstanciada em acórdão assim ementado:

**“O JULGAMENTO SEM DILAÇÕES INDEVIDAS CONSTITUI PROJEÇÃO DO PRINCÍPIO DO DEVIDO PROCESSO LEGAL.**

- O **direito** ao julgamento, **sem** dilações indevidas, **qualifica-se** como prerrogativa fundamental que decorre da garantia constitucional do ‘**due process of law**’.

O réu - **especialmente** aquele que se acha sujeito a medidas cautelares **de privação** da sua liberdade - **tem** o direito público subjetivo **de ser julgado** pelo Poder Público, **dentro** de prazo razoável, **sem** demora excessiva **e nem** dilações indevidas. **Convenção Americana sobre Direitos Humanos** (Art. 7º, ns. 5 e 6). **Doutrina. Jurisprudência.**

- O **excesso de prazo** quando **exclusivamente** imputável ao aparelho judiciário - **não derivando** portanto, de qualquer fato procrastinatório causalmente atribuível ao réu - **traduz situação anômala** que compromete a **efetividade** do processo, pois, **além** de tornar evidente o desprezo estatal pela liberdade do cidadão, **frustra** um direito básico **que assiste** a qualquer pessoa: **o direito** à resolução do litígio, **sem** dilações indevidas **e com** todas as garantias reconhecidas pelo ordenamento constitucional.

**O EXCESSO DE PRAZO**, NOS CRIMES HEDIONDOS, IMPÕE O RELAXAMENTO DA PRISÃO CAUTELAR.

- **Impõe-se o relaxamento** da prisão cautelar, **mesmo** que se trate de procedimento instaurado pela **suposta** prática de crime hediondo, **desde** que se registre situação configuradora de excesso de prazo **não imputável** ao indiciado/acusado. **A natureza** da infração penal **não pode restringir** a aplicabilidade **e** a força normativa da regra inscrita no art. 5º, LXV, da Constituição da República, que dispõe, **em caráter imperativo** que a **prisão ilegal** ‘será imediatamente relaxada’ pela autoridade judiciária. **Precedentes.”**

(RTJ 187/933-934 Rel. Min. CELSO DE MELLO)

**Nada pode justificar** a permanência de uma pessoa na prisão, **sem** culpa formada, **quando** configurado **excesso irrazoável** no tempo de segregação cautelar do acusado, **considerada a excepcionalidade** da prisão processual, **mesmo** que se trate de crime hediondo (RTJ 137/287 - RTJ 157/633 - RTJ 180/262-264, v.g.).

**É que** a prisão de **qualquer** pessoa, **especialmente** quando se tratar de medida de índole meramente processual, **por revestir-se** de caráter excepcional, **não** pode **nem** deve perdurar, **sem** justa razão, por período excessivo, **sob pena** de consagrar-se **inaceitável prática abusiva** de arbítrio estatal, **em tudo incompatível** com o modelo constitucional do Estado Democrático de Direito.

**É preciso reconhecer**, neste ponto, que a duração prolongada, abusiva **e** irrazoável **da prisão cautelar** de alguém, **como sucede** na espécie, **ofende** de modo frontal, o postulado da

dignidade da pessoa humana, **que representa** - considerada a **centralidade** desse princípio essencial (CF, art. 1º, III) - **significativo** vetor interpretativo, **verdadeiro valor-fonte** que conforma e inspira todo o ordenamento constitucional **vigente** em nosso País **e que traduz** de modo expressivo, **um dos fundamentos** em que se assenta, **entre nós** a ordem republicana e democrática **consagrada** pelo sistema de direito constitucional positivo.

Ouem outras palavras, **cumprir enfatizar que o excesso de prazo** na duração irrazoável da prisão **meramente** processual do réu, de **qualquer** réu, **notadamente quando não submetido** a julgamento **por efeito** de obstáculo criado pelo próprio Estado, **revela-se conflitante** com esse paradigma ético-jurídico **conformador** da própria organização institucional do Estado brasileiro.

**Cabe referir** ainda, por relevante, que a **Convenção Americana sobre Direitos Humanos** - tendo presente **o estado de tensão dialética** que existe **entre** a pretensão punitiva do Poder Público, de um lado, e a aspiração de liberdade inerente às pessoas, de outro - **prescrevem** seu Art. 7º, n. 5, que *“Toda pessoa detida ou retida deve ser conduzida, sem demora à presença de um juiz ou outra autoridade autorizada pela lei a exercer funções judiciais e tem direito a ser julgada dentro de um prazo razoável ou a ser posta em liberdade...”* (grifei).

Na realidade, **o Pacto de São José da Costa Rica** constitui instrumento normativo **destinado a desempenhar** um papel de extremo relevo **no âmbito do sistema interamericano de proteção aos direitos básicos da pessoa humana** qualificando-se, sob tal perspectiva, como peça complementar e decisiva no processo de tutela das liberdades públicas fundamentais.

O réu - **especialmente** aquele que se acha sujeito a **medidas cautelares** de privação de sua liberdade - **tem** o direito público subjetivo **de ser julgado**, pelo Poder Público, **dentro de um prazo razoável** sob pena de caracterizar-se situação de **injusto** constrangimento ao seu *“status libertatis”*, **como já o reconheceu** esta Suprema Corte **ao deferir o HC 84.254/PI** Rel. Min. CELSO DE MELLO, **em julgamento** no qual a Colenda **Segunda Turma**, por votação unânime, **concedeu liberdade** ao paciente que se encontrava submetido à prisão cautelar **há 4 (quatro) anos**1 (um) mês e 4 (quatro) dias, **sem julgamento** perante órgão judiciário competente, **entendimento esse reiterado** também pela Egrégia **Segunda Turma** do Tribunal, **quando da concessão do HC 83.773/SP** Rel. Min. CELSO DE MELLO, **em face de excesso de prazo** da prisão cautelar do paciente, que se prolongava, **abusivamente** naquele caso, **por 4 (quatro) anos** e 28 (vinte e oito) dias.

**Como bem acentua** JOSÉ ROGÉRIO CRUZ E TUCCI (*“Tempo e Processo - Uma análise empírica das repercussões do tempo na fenomenologia processual - civil e penal”* p. 87/88, item n. 3.5, 1998, RT), *“o direito ao processo sem dilações indevidas”* - além de qualificar-se como **prerrogativa** reconhecida por importantes Declarações de Direitos ( **Convenção Americana** sobre Direitos Humanos, art. 7º, n. 5 e 6; **Convenção Européia** para Salvaguarda dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais, art. 5, n. 3, **v.g.**) - **representa** expressiva consequência de ordem jurídica **que decorre** da cláusula constitucional

**que a todos assegura a garantia do devido processo legal.**

Isso significa portanto, **que o excesso de prazo** analisado na perspectiva dos **efeitos lesivos** que dele emanam – **notadamente** daqueles que afetam, de maneira grave, a posição jurídica de quem se acha **cautelaramente privado** de sua liberdade – **traduz** na concreção de seu alcance, situação configuradora de **injusta** restrição à garantia constitucional do “*due process of law*”, **pois evidencia** de um lado, **a incapacidade** de o Poder Público **cumprir** o seu dever de **conferir celeridade** aos procedimentos judiciais **e representa**, de outro, **ofensa inequívoca** ao “*status libertatis*” **de quem sofre** a perseguição penal movida pelo Estado.

**A respeito** desse **específico** aspecto da controvérsia, **revela-se valiosa** a observação de LUIZ FLÁVIO GOMES ( “**O Sistema Interamericano de Proteção dos Direitos Humanos e o Direito Brasileiro**”, p. 242/245, 2000, RT), **cujo magistério** – expendido a propósito da garantia que assiste, **a qualquer acusado** de ser julgado em prazo razoável, **sem demora** excessiva ou **sem** dilações indevidas – **expõe** as seguintes considerações:

*“Nossa Constituição Federal expressamente não prevê a garantia **do encerramento do processo em prazo razoável**, mas como sabemos, **contemplou** não somente a previsão genérica do devido processo legal (CF, art. 5º, LIV), **senão também** a regra de que os direitos e garantias nela expressamente contemplados não excluem outros decorrentes dos tratados internacionais (art. 5º, § 2º).*

.....

**A Convenção Americana sobre Direitos Humanos** por seu turno, **ênfatiza** que “Toda pessoa tem direito a ser ouvida, com as devidas garantias **e dentro de um prazo razoável...**” (art. 8.1 ). No que diz respeito ao preso: “**Toda pessoa detida** ou retida deve ser conduzida, **sem demora** à presença de um juiz ou outra autoridade autorizada pela lei a exercer funções judiciais **e tem direito a ser julgada dentro de um prazo razoável ou a ser posta em liberdade...**” (art. 7.5); “Toda pessoa privada da liberdade tem direito a recorrer a um juiz ou tribunal competente, a fim de que este decida, sem demora...” (art. 7.6).

**Em harmonia** com esses textos internacionais, é bem verdade que o nosso Código de Processo Penal contém um conjunto de dispositivos (CPP, art. 799 a 801) que cuida da necessidade do **cumprimento dos prazos** estabelecendo inclusive sanções em caso de violação. **Porém o que mais sobressai** em conformidade com a valoração doutrinária é sua total e absoluta ‘inocuidade’: os prazos não são, em geral, cumpridos e muito raramente aplica-se qualquer sanção.

.....

**De um aspecto da garantia** de ser julgado em prazo razoável, a **jurisprudência brasileira** em geral, vem cuidando com certa atenção: **trata-se do excesso de prazo no julgamento do réu preso. Há constrangimento ilegal** (CPP, art. 648) **quando alguém está preso por mais tempo do que determina a lei.** Com base nesse preceito, o direito jurisprudencial **criou** a regra de que o julgamento do réu preso, em primeiro grau, tem que acontecer no prazo de 81 dias (que é a soma de todos os prazos processuais no procedimento ordinário; **são outros os**

**prazos nos procedimentos especiais).** Havendo **excesso** sem justificação, **coloca-se o acusado em liberdade** sem prejuízo do **prosseguimento** do processo.” (grifei)

**Extremamente oportuno referir** ainda, neste ponto, o douto magistério do eminente Professor ROGÉRIO LAURIA TUCCI (“**Direitos e Garantias Individuais no Processo Penal Brasileiro**” p. 249/254, 2004, RT), **que oferece** importante reflexão sobre o tema, **que traduz uma das múltiplas projeções** que emanam da garantia constitucional do devido processo legal:

*“**Outra ‘garantia’ que se encarta no ‘devido processo penal’ é a referente ao desenrolamento da ‘persecutio criminis’ em ‘prazo razoável’.***

.....

**Ora, nosso País é um dos signatários da ‘Convenção americana sobre direitos humanos’** assinada em San José, Costa Rica, no dia 22.11.1969, **e cujo art. 8.º 1, tem a seguinte** (também ora repetida) redação: “Toda pessoa tem direito de ser ouvida’ com as devidas garantias e ‘dentro de um prazo razoável’ por um juiz ou tribunal competente, independente e imparcial, estabelecido por lei anterior, ‘na defesa de qualquer acusação penal contra ela formulada’ (...).

**Por via de consequência** dúvida não pode haver **acerca** da determinação (...) **na Carta Magna brasileira em vigor, do término de qualquer procedimento, especialmente o relativo à perseguição penal, em ‘prazo razoável’.**

**Essa aliás, é concepção** que se universalizou, **sobretudo a partir da ‘Convenção Européia para salvaguarda dos direitos do homem e das liberdades fundamentais’, como anota JOSÉ ROGÉRIO CRUZ E TUCCI, asserindo** que, **desde** a edição, em 04.11.1950, desse diploma legal supranacional, **“o direito ao processo sem dilações indevidas’ passou a ser concebido** como um direito subjetivo constitucional, de caráter autônomo, **de todos** os membros da coletividade (**incluídas** as pessoas jurídicas) à ‘tutela jurisdicional **dentro de um prazo razoável’**, decorrente da proibição do ‘non liquet’, **vale dizer** do dever que têm os agentes do Poder Judiciário de julgar as causas com **estrita** observância das normas de direito positivo’.

.....

**Afigura-se com efeito, de todo inaceitável** a delonga na finalização do processo de conhecimento (especialmente o de caráter condenatório), **com a ultrapassagem do tempo necessário** à consecução de sua finalidade, **qual seja** a de definição da relação jurídica estabelecida entre o ser humano, membro da comunidade, **enredado na ‘persecutio criminis’**, e o Estado: **o imputado** tem, realmente, direito ao pronto solucionamento do conflito de interesses de alta relevância social que os respectivos autos retratam, pelo órgão jurisdicional competente.

.....

**Realmente** tendo-se na devida conta as graves consequências psicológicas (no plano subjetivo), sociais (no objetivo), processuais, e até mesmo pecuniárias, **resultantes da perseguição penal** para o indivíduo nela envolvido, **imperiosa torna-se a agilização** do respectivo procedimento, **a fim de que elastando** quanto possível, **se minimizem** pela sua conclusão **num ‘prazo razoável’.**” (grifei)

**Esse entendimento encontra pleno apoio** na jurisprudência que o Supremo Tribunal Federal **firmou** na matéria ora em exame, **tanto** que se registrou, **nesta** Corte, em diversas decisões, **a concessão** de ordens de “*habeas corpus*”, em situações nas quais o excesso de prazo – **reconhecido** em tais julgamentos – **foi reputado abusivo** por este Tribunal (RTJ 181/1064 Rel. Min. ILMAR GALVÃO).

**Refiro-me** particularmente, **aos casos nos quais a duração da privação cautelar** da liberdade do acusado **era claramente inferior** ao período de encarceramento processual **a que ainda está submetido** na espécie, o ora paciente: **3 (três) anos** 7 (sete) meses e 5 (cinco) dias (HC 82.761/PI Rel. Min. NELSON JOBIM); **3 (três) anos** 1 (um) mês e 24 (vinte e quatro) dias (HC 78.978/PI Rel. Min. NELSON JOBIM, v.g.).

**Tal entendimento também foi reiterado** pelo Supremo Tribunal Federal – **e a ordem** de “*habeas corpus*” igualmente **deferida** -, **em hipóteses** nas quais o **excesso de prazo** pertinente à prisão cautelar **revelava-se substancialmente inferior** ao que se registra na **presente** impetração: **2 (dois) anos** 4 (quatro) meses e 8 (oito) dias (HC 84.662/BA Rel. Min. EROS GRAU); **1 (um) ano** 5 (cinco) meses, e 15 (quinze) dias (HC 79.789/AM Rel. Min. ILMAR GALVÃO); **1 (um) ano** e 3 (três) meses (HC 84.907/SP Rel. Min. SEPÚLVEDA PERTENCE); **1 (um) ano** e 5 (cinco) dias (HC 84.181/RJ Rel. Min. MARCO AURÉLIO); **10 (dez) meses** e 21 (vinte e um) dias (HC 83.867/PB Rel. Min. MARCO AURÉLIO); **4 (quatro) meses** e 10 (dias) (RTJ 118/484 Rel. Min. CARLOS MADEIRA).

**Cabe também assinalar** que o Supremo Tribunal Federal, **revelando** extrema sensibilidade **a propósito de situações anômalas** derivadas **da superação abusiva e irrazoável** do prazo de duração de prisões **meramente** cautelares, **tem conhecido** do pedido de “*habeas corpus*”, **até mesmo quando não examinada** essa **específica** questão pelo Tribunal de jurisdição inferior, **como resulta claro** das decisões a seguir mencionadas:

**“RECURSO EM HABEAS CORPUS. LIBERDADE PROVISÓRIA. EXCESSO DE PRAZO. CONHECIMENTO DE OFÍCIO DA MATÉRIA. CONSTRANGIMENTO ILEGAL. EXTENSÃO DE LIBERDADE PROVISÓRIA.**

O Tribunal **tem admitido** conhecer da questão do excesso de prazo **quando esta se mostra gritante** mesmo que o tribunal recorrido **não a tenha examinado.**

.....

Recurso provido em parte. **Habeas corpus** concedido **de ofício.**”

(RHC 83.177/PIRel. Min. NELSON JOBIM – grifei)

“- **Habeas corpus. Excesso de prazo** para o encerramento da instrução criminal.

- **Habeas corpus** que não se conhece por não ser caso de pedido originário a esta Corte, **mas que se concede, ex officio** por **gritante** excesso de prazo.”

(HC 59.629/PARel. Min. MOREIRA ALVES – grifei)

**Todos os aspectos** ora ressaltados **põem em evidência** um fato **que assume** extremo relevo jurídico, **consistente** na circunstância **de que se registra** na espécie, **evidente** excesso de prazo, **eis que** a prisão cautelar do ora paciente, **sem** causa legítima, **excedeu** período **que chega a quase** quatro (4) anos e meio de duração, **sem** que, **até** o presente momento, e por razões **exclusivamente** imputáveis **ao Estado** esse **mesmo** paciente tenha sido julgado por seu juiz natural: **o Tribunal do Júri**.

**Bem por isso** é que a EC nº 45/2004 – **que instituiu** a “Reforma do Judiciário” – **introduziu** o inciso LXXVIII no art. 5º da Constituição da República, **consagrando** de modo formal, **uma expressiva garantia** enunciada nos seguintes termos:

“**LXXVIII - a todos** no âmbito judicial e administrativo, **são assegurados a razoável duração do processo e os meios que garantam a celeridade de sua tramitação.**” (grifei)

**Nem se diga**, finalmente, que a circunstância de a acusação penal **envolver** a suposta prática **de crime hediondo** (como o delito de homicídio qualificado, **p. ex.** ) **impediria** o réu de invocar, **em seu favor**, a prerrogativa da liberdade, **especialmente** naquelas situações em que o tempo de prisão cautelar **excedede** maneira abusiva, **como no caso** os limites **razoáveis** de duração.

**É preciso enfatizar** uma vez configurado **excesso irrazoável** na duração **da prisão cautelar** do acusado, **que este não pode permanecer** exposto a tal situação de **evidente** abusividade, **ainda** que se cuide de pessoa acusada da **suposta** prática de crime hediondo (**Súmula 697/STF**), **sob pena** de o instrumento processual da tutela cautelar penal transmutar-se, **mediante** subversão dos fins que o legitimam, **em inaceitável (e inconstitucional)** meio de antecipação executória da própria sanção penal:

“**A gravidade** do crime imputado, um dos malsinados ‘**crimes hediondos**’ (Lei 8.072/90), **não basta** à justificação da prisão preventiva, que tem natureza cautelar, no interesse dos interesses do desenvolvimento e do resultado do processo, **e só se legitima** quando a tanto se mostrar necessária: não serve à prisão preventiva, **nem a Constituição permitiria** que para isso fosse utilizada, a punir sem processo, em atenção à gravidade do crime imputado, do qual, entretanto, ‘ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória’ (CF, art. 5º, LVII).”

(RTJ 137/287Rel. Min. SEPÚLVEDA PERTENCE – grifei)

“**Caracterizado o excesso de prazo** na custódia cautelar do paciente, **mesmo** em face da duplicação, instituída pelo art. 10 da Lei nº 8.072/90, dos prazos processuais previstos no art.

35 da Lei nº 6.368/76, **é de deferir-se** o ‘habeas corpus’ **para que seja relaxada a prisão** já que a vedação de liberdade provisória **para os crimes hediondos** não pode restringir o alcance do art. 5º, LXV, da Carta da República, **que garante** o relaxamento da prisão eivada de ilegalidade.”

(RTJ 157/633 Rel. Min. ILMAR GALVÃO – grifei)

**“Prisão preventiva:** à falta da demonstração em concreto do ‘periculum libertatis’ do acusado, **nem a gravidade abstrata** do crime imputado, **ainda que qualificado de hediondo, nem a reprovabilidade** do fato, **nem o conseqüente clamor público** constituem motivos idôneos à prisão preventiva: **traduzem** sim, mal disfarçada nostalgia da extinta prisão preventiva obrigatória.”

(RTJ 172/184 Rel. Min. SEPÚLVEDA PERTENCE – grifei)

**“A ACUSAÇÃO PENAL POR CRIME HEDIONDO NÃO JUSTIFICA A PRIVAÇÃO ARBITRÁRIA DA LIBERDADE DO RÉU.**

– A **prerrogativa** jurídica da liberdade – que **possui** extração constitucional (CFart. 5º, LXI e LXV) – **não pode** ser ofendida por **atos arbitrários** do Poder Público, **mesmo que se trate** de pessoa acusada da suposta prática de crime hediondo, **eis que** até que sobrevenha sentença condenatória **irrecorrível** (CFart. 5º, LVII), **não se revela possível presumir** a culpabilidade do réu, **qualquer** que seja a natureza da infração penal que lhe tenha sido imputada.”

(RTJ 187/933-934, 933 Rel. Min. CELSO DE MELLO)

**Sendo assim** tendo em consideração as razões expostas, conheço, **em parte** do presente pedido de “habeas corpus”, e, na parte de que conheço, **defiro-o** para conceder, ao ora paciente, **se** por “al” não estiver preso, a sua **imediata** soltura, **relativamente** à prisão cautelar que sofre **em decorrência** da sentença de pronúncia **proferida** nos autos do Processo-crime nº 2004.01.1.110381-6 (Tribunal do Júri da Circunscrição Especial Judiciária de Brasília).

**É o meu voto.**

Fonte: [https://conjur.jumps.com.br/2005-mar-23/ministro\\_aprofunda\\_estudo\\_excesso\\_prisao\\_cautelar/](https://conjur.jumps.com.br/2005-mar-23/ministro_aprofunda_estudo_excesso_prisao_cautelar/)